



## Educação para a formação emancipatória do indivíduo: contribuição da teoria estética

Por ANILDE TOMBOLATO TAVARES DA SILVA  
MARTA REGINA FURLAN DE OLIVEIRA

### Introdução

Este texto objetiva desenvolver uma reflexão sobre o conceito da Teoria Estética em Theodor Adorno; analisando como esse conceito contribui no processo de educação e emancipação do indivíduo. Tem ainda o intuito de apresentar o potencial libertador da arte e denunciar sua alienação na esfera da dominação. Esse estudo é fruto de uma preocupação em relação ao conceito de arte na sociedade capitalista, que se desvia do caminho da autorreflexão como defende Adorno e percorre a lógica da mercadoria e consumo, sujeitando-se à racionalidade instrumental. Ela se adapta aos “moldes” da Indústria Cultural que condiciona e determina a arte enquanto produção em série de bens culturais que visam satisfazer, de forma ilusória e sedutora, as necessidades geradas pelo consumo e mercadoria. Nesse mundo, repleto de necessidades, o conceito de arte gerado pela Indústria Cultural preenche o espaço de carência de subjetividade, que gera contradição e conflito por considerar a necessidade, que está associada ao inexorável e ao desejo que se caracteriza por um querer ser ainda não realizado.

À medida que a Indústria Cultural transforma a arte em diversão, ela impede que se realize a reflexão sobre a realidade em que ela se produz e se mantém. Assim, quando a arte corresponde a uma necessidade social, transforma-se numa empresa governada pelo lucro. É por muitos motivos que os produtos da Indústria Cultural taxados com o selo de “arte” não expressam uma visão de mundo e uma dimensão social de protesto e denúncia. São produtos para o deleite e “vitaminas a cansados homens de negócios” (ADORNO, 2001, p. 12). O que Adorno exige da arte contemporânea é, que recupere a capacidade de autorreflexão; que dialogue com indivíduos autênticos, e não com membros de uma massa amorfa. Procedendo dessa maneira, a arte se renova e cumpre seu papel de dimensão social, de conhecimento, de emancipação.





Nesse sentido, Adorno desenvolve a Teoria Estética como plano de emancipação do homem, em oposição ao projeto do *Esclarecimento* no século das Luzes, cuja intenção coincide e colabora com a implantação e implementação do sistema capitalista, responsável pelos efeitos nocivos provocados na educação, na cultura e na política. Se a razão instrumental foi o objetivo do *Esclarecimento* para elevar a humanidade a um patamar de soberania frente à natureza, esse ideal, não se cumpriu. O *Esclarecimento*, a serviço da criação, difusão e manutenção do mundo capitalista, transformou o burguês em arquétipo de homem esclarecido e bem sucedido e, fazendo uso da alienação, impôs suas propostas de cunho estritamente ideológico. A primeira e mais forte destas propostas foi a divisão social do trabalho, promotora da dicotomia corpo e espírito (ADORNO, 1993).

Se o pensamento esclarecido, percorre o caminho do uso da razão instrumental como ferramenta humana para a conquista de sua soberania em relação aos fenômenos naturais, Adorno vai por outra direção e traz a arte como possibilidade de devolver à humanidade a sua capacidade crítica, sem com isso, criar uma barreira entre homem e natureza, ou mesmo, entre políticas ou ideologias diversas. Diante disso, o que se pretende com a arte não é separar, nem criar ruptura, mas fornecer ao sujeito condições favoráveis de recuperar a sua inerente capacidade reflexiva sem imposições na formação do homem, garantindo experiências e relações estabelecidas com o mundo real. O papel da arte passa a ser o de reconciliação de um momento em que o conhecimento humano surgia da relação entre homem e natureza e que foi abandonado pela razão esclarecida em prol do progresso.

Postulando uma crítica a esta lógica do *Esclarecimento*, a Teoria Estética em Adorno não deve ser lida como uma obra que trata somente dos objetos de arte e obras de arte, ela é muito mais que isso, seu tema principal é a liberdade traduzida na própria expressividade humana que denuncia aquilo que se sente em relação a realidade e não pode ser desvinculada de seu compromisso social. Se a liberdade é sistematizada, ela deixa de ser livre, por isso, a saída é deixar o objeto do pensamento se manifestar livremente. Adorno postula uma autonomia para a arte no sentido libertador, de independência aos ditames pré estabelecidos com suas determinações sociais e políticas. É a arte autêntica porque tem o que dizer (expressar), é livre e deve seguir sendo livre, porque esta é a garantia da liberdade humana em uma





sociedade opressiva e coisificadora. A consonância interna da Teoria Estética em Adorno pretende, antes de tudo, apresentar-se como um modelo de pensamento e não um pensamento sistematizado.

Numa sociedade onde a arte já não tem nenhum lugar e que está abalada em toda a reação contra ela, a arte cinde-se em propriedade cultural coisificada e entorpecida e em obtenção de prazer que o cliente recupera e que, na maior parte dos casos, pouco tem a ver com o objeto. O prazer subjetivo na obra de arte aproximar-se-ia do estado que se esquia à empiria enquanto totalidade do ser-para-outro, não da empiria (ADORNO, 1993, p.27).

A Teoria Estética, enquanto postura eminentemente antagônica e autônoma em relação à sociedade capitalista, representa a possibilidade de uma experiência em si mesma, o retorno ao belo e, ao mesmo tempo é a instância crítica por excelência. Desse modo, a Teoria Estética adorniana é a emancipação do homem pela arte – não por si mesma, mas pelo conteúdo que habita o exterior da atividade mimética, mas com o qual esta atividade mantém uma comunicação direta. É a dialética entre mimesis e racionalidade que tenta reestruturar a capacidade do homem de construir e apreender o conhecimento diante de sua experiência com o real. Assim, a “a arte é uma crítica da feroz seriedade que a realidade impõe sobre os seres humanos” (ADORNO, 2001 p. 13). É, ainda, a capacidade de fazer resistência à indústria cultural e ao processo de dominação do capital sobre a sociedade e as artes em geral.

### **Teoria estética e sua contribuição ao processo de formação e emancipação**

Na trajetória desse estudo, há a necessidade de refletirmos sobre as relações entre a teoria estética e sua contribuição ao processo de formação e emancipação, especialmente as provenientes do campo da estética, como uma proposta de educação da sensibilidade, de um pensar que esteja além de uma perspectiva instrumentalizada e, também, analisar os conceitos da “razão instrumental” e da “Indústria Cultural”, numa perspectiva da crítica ao processo de racionalização da cultura que desencantou o mundo, instrumentalizou o pensar, ofuscando as capacidades criativas e emancipadoras, impedindo o exercício da autonomia que Adorno, juntamente com Horkheimer fazem na *Dialética do Esclarecimento*, especificamente no ensaio *O conceito de esclarecimento*.

Horkheimer e Adorno (1985), buscaram compreender o processo de racionalização da cultura (iluminismo) como sendo um processo de esclarecimento da razão que ao tentar





superar o conflito com o mito, pela força dada à racionalidade científica, altera o papel fundamental da razão, transformando-a em razão instrumental, denunciando assim, seu caráter essencialmente dominador e de adaptação do indivíduo. A partir do iluminismo, o esclarecimento que se propunha a luz da razão atingir uma sociedade mais igualitária e justa, através da emancipação da consciência, para favorecer o progresso e desenvolvimento humano não alcançou este propósito e essa meta foi revertida em uma perspectiva contrária em que a racionalidade passa a ser instrumento de domínio e controle da realidade. Para Horkheimer e Adorno (1985, p.17), o esclarecimento

tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber.

Nesse sentido, o esclarecimento instrumentliza as relações humanas a medida que se qualifica com a saída da obscuridade religiosa, da superstição, do medo perante as desconhecidas forças da natureza e, coloca o homem como “senhor” do mundo. Na sua projeção de superar o mito pela razão científica que favoreça o domínio da natureza, a ciência e o conhecimento passam a ser o poder e, assim, a proposta do esclarecimento que se propunha emancipar e livrar o homem do medo e da alienação ao desejo de dominação da natureza, nunca poderá ser alcançado, pois como afirmam Horkheimer e Adorno (1985, p.21):

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens.

O processo de esclarecimento, quando busca o processo de emancipação intelectual, transforma-se num desencantamento do mundo, onde vai desmistificando os mitos por um processo de racionalização que alcança todos os setores da vida social: econômica, política, cultural, educacional, etc. Um processo que ao mesmo tempo separa o próprio espírito da natureza humana; fortalecendo e alimentando cada vez mais a alienação diante do trabalho e esforço do conhecimento científico para construir a cultura e as riquezas que os homens são capazes de gerar. O Esclarecimento acabou reduzido à técnica. Em vez da soberania metafísica apoderou-se da força do capital e a conseqüente mercantilização da sociedade e





da cultura e, as relações humanas passam a sofrer “as consequências de um procedimento teórico e prático que não tem outro objetivo que estender e solidificar o predomínio humano sobre a natureza” (DUARTE, 2002, p. 28). Com isso, a dominação se volta contra o próprio homem. Horkheimer e Adorno (1985, p.35) assinalam que:

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo.

A sociedade que supostamente estaria mais esclarecida converte sua intenção de formação cultural emancipatória em semicultura produzida pela Indústria Cultural. A alienação se reflete na semiformação do indivíduo reificado, pois o pensamento degrada-se em mero processo técnico em que o sujeito se torna equivalente as coisas que a ele foram submetidas. Um procedimento técnico em que o conhecimento no seu trajeto entre o mito e a ciência, reificou o pensamento e que Horkheimer e Adorno designam como razão instrumental e, onde a autonomia da razão, tão preconizada pelo iluminismo transformou-se em autodomínio e autorrepressão da própria razão.

A essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação. Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu. Com a difusão da economia mercantil e burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a afastar o mito, voltando a cair sob o seu influxo levado pela mesma dominação (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p.38)

Neste processo de dominação, constata-se que o mito, assim como o esclarecimento possuem as mesmas raízes e necessidades: sobrevivência, autoconservação e medo. Dentro da análise sobre a noção da racionalidade, torna-se clara a perspectiva denunciada por Horkheimer e Adorno de que a autoconservação nasce do medo mítico e disto gera um recolhimento egocêntrico do sujeito sobre si mesmo; o desconhecido torna-se perigoso e precisa ser dominado e, assim, propiciando o ofuscamento das potencialidades da razão humana. Neste processo de domínio da razão instrumental, constata-se a transformação do papel cultural em mercantilização dos produtos simbólicos designado por Horkheimer e Adorno como Indústria Cultural.





No livro *Dialética do Esclarecimento*, especificamente no ensaio “A Indústria Cultural: O Esclarecimento como mistificação das massas”, Adorno e Horkheimer utilizam pela primeira vez, tal conceito. De acordo com os autores, a Indústria Cultural se assemelha a uma indústria quando destaca a uniformização de determinado objeto – como é o caso da arte – quando se restringe à racionalização das técnicas de distribuição. Os autores tem a preocupação em compreender o processo de racionalização que se expandiu no seio cultural, através da indústria cultural em que “a tudo confere um ar de semelhança” (ADORNO e HORKHEIMER, 2002 p.5). Nesse sentido, instaura a razão objetivada, calculadora, unificante e dominante; tendo como clichê atender as necessidades dos consumidores, o que possibilita a aceitação pelo indivíduo sem resistência e oposição.

No que se refere a arte no conceito de Indústria Cultural verifica-se que está configurada pelo imediatismo e pela proliferação mercadológica e econômica de sua expressão. Há o embrutecimento e a regressão dos sentidos humanos pelo processo de produção e reprodução desse sistema economicamente social que se diz “arte” e, que acaba constituindo a entropia da subjetividade e da expressividade humana enquanto processo de autodeterminação e crítica. Torna-se clara a perspectiva do domínio sedutor desta lógica de mercado da arte que tem ofuscada as potencialidades da razão humana. Tal lógica dominadora tem se expandido para diferentes instâncias sociais, inclusive para a Teoria Estética e cultural.

Nesse cenário, o que dá durabilidade à obra de arte não é nem o material de que é feita, tão pouco a forma que a conforma ou deforma, mas sim, porque se torna propriedade, mercadoria de consumo pela expressão “cultura de massa”. Ao se tornar mercadoria, a obra de arte se fetichiza. Nesse sentido, o proprietário se adorna da coisa, ao consumir, pensando, contudo que consegue fazê-la durável porque a integra a si. Assim, em todo ato de compra-e-venda da arte está pressuposta a esperança da duração, da própria afirmação no mundo, o que é um pensamento ilusório do indivíduo.

Vale considerar que a Indústria Cultural não é uma cultura que surge meramente de baixo para cima, de certos grupos sociais isolados, mas é imposta de cima para baixo, racionalmente organizada, com a finalidade de adaptar-se e integrar-se à ordem vigente. Nesse sentido,





Adorno (1994, p.92) aponta a respeito da necessidade de utilizar o conceito de Indústria Cultural:

Em nossos esboços tratava-se do problema da cultura de massa. Abandonamos essa última expressão para substituí-la por ‘Indústria Cultural’, a fim de excluir de antemão a interpretação que agrada aos advogados da coisa; estes pretendem com efeito, que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, da forma contemporânea da arte popular. Ora, dessa arte a indústria cultural se distingue radicalmente. Ao juntar elementos de há muito correntes, ela atribui-lhes uma nova qualidade. Em todos os seus ramos fazem-se, mais ou menos segundo um plano, produtos adaptados ao consumo de massas e que em grande medida determinam esse consumo.

As implicações da chamada “arte de mercado” influenciam, tanto no aspecto cultural como no social, gerando a conformação do pensamento e comportamento dos indivíduos em relação a racionalidade técnica que nada mais é, do que a própria dominação. De maneira especial, estes são seduzidos para a “chamada” expressividade do artista, que carrega o conceito de arte espetáculo, arte mercadoria, arte fetiche. A ilusão sobre esse conceito de arte via Indústria Cultural, provoca o esfacelamento da expressividade humana e da própria autorreflexão, convertendo-se em mercadorias padronizadas da arte, que podem ser trocadas, consumidas, cobrada por seus dividendos mercadológicos na consolidação da sua individualidade danificada. Nesse sentido, há pelo processo da Indústria Cultural, a standardização da arte como produto mercadológico e, ainda, a própria racionalização das técnicas de distribuição da mercadoria.

Os padrões teriam resultado originalmente das necessidades dos consumidores: eis porque são aceitos sem resistência. De fato, o que explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas e cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia (ADORNO, 1985, p.100).

A arte à luz da Indústria Cultural e racionalidade instrumental, então, caminha para o processo, com a própria adaptação do pensamento, em que o conceito de “belo” está relacionado ao sempre igual e semelhante como um princípio de identidade que acaba sendo o elemento central de sustentação desse sistema industrial. Assim, o princípio da identidade, consubstanciado nessa estrutura social como justificativa e confirmação da arte-mercadoria,





torna-se o processo pelo qual o conceito se iguala à coisa. Para Adorno, “as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculca à força, como se aquilo que existe precisasse existir dessa forma” (Adorno, 1995, p. 178).

No entanto, conforme apontamentos em Adorno, o verdadeiro conceito de Teoria Estética é inalienável, “brilha, embeleza a escuridão e desaparece” (ADORNO, 2002 p.10). Nesse prisma, o autor busca na estética contemporânea a viabilidade de um resgate da percepção dos sentidos em relação aos fetiches totalitários inculcados pela indústria cultural. Faz, ainda, a crítica em relação ao conceito de arte predominante na esfera capitalista e instrumental, em que tem submetida a um estado de barbárie catastrófico, gerado pela Indústria Cultural que provoca a produção em série de bens culturais, cuja finalidade é satisfazer, de forma ilusória, as necessidades geradas pela estrutura de trabalho e, manter a carência humana para com novos produtos. Assim, apontam Adorno e Horkheimer (1985, p.113):

A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado para se por de novo em condições de enfrenta-lo. Mas ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho.

Para Adorno, a Teoria Estética apresenta a possibilidade de uma experiência que tenha sentido em si mesma e, portanto, livre das regras impostas pela indústria cultural. Nesse sentido, representa a possibilidade do retorno ao belo natural, ao reino da liberdade e daquilo que não foi submetido ao estado de dominação imposto pela racionalidade capitalista. Mas temos que considerar que nem tudo pode ser considerado arte “autêntica”. Existe um tipo de arte que serve aos interesses do capital, neutralizando qualquer perspectiva de cognição. A arte com vistas ao entretenimento não pode desempenhar o papel de emancipação do sujeito, uma vez que seu objetivo é ser “comercializável”. Assim, a arte só pode ser abarcada numa dimensão social quando está vinculada à crítica e à filosofia, para resistir ao processo de dominação que usurpa sua autonomia.



## Tecendo algumas considerações

A concepção de *estética* tem origem grega *aisthesis*, e significa a faculdade de sentir e de compreender pelos sentidos, sendo comumente definida como o estudo do belo, que não se limita, apenas, a analisar a beleza, mas sim, despertar a sensibilidade humana e a manifestação livre do pensamento e da visão de mundo. A arte deve servir como alicerce para a construção da liberdade humana, oportunizando ao indivíduo estabelecer uma visão crítica da realidade a partir da categoria da totalidade. Diante disso, a experiência estética valoriza a percepção, a dimensão racional e sensorial, em que as reflexões estão envolvidas pela análise sobre a relação que os seres humanos estabelecem com as diferentes expressões artísticas; os sentimentos e pensamentos provocados pela arte.

Adorno defende na Teoria Estética parte desta concepção e avança à medida que não pode ser desvinculada de seu compromisso social. A análise do fenômeno artístico é um processo de “denúncia” do caráter mercadológico da arte imposto pela Indústria Cultural. No caminho de integração entre o homem e a natureza a que se propõe a Teoria Estética, a crítica social e crítica artística não podem se separar quando o assunto é a consciência das pessoas. “*A priori*, antes de suas obras, a arte é uma crítica da feroz seriedade que a realidade impõe sobre os seres humanos” (ADORNO, 2001, p. 13). A arte por meio de suas obras, é sempre uma aparência de verdade, testemunhando um mundo administrado pela violência da razão instrumental.

A Teoria Estética, que é considerada uma obra inacabada, por ter sido escrita em um só fôlego, sem qualquer tipo de divisão em capítulos ou tópicos; busca ressaltar a visão de Adorno sobre a arte como veículo formativo eficiente na condução do homem à emancipação e à reconciliação com a natureza que se perdeu em algum momento. É uma obra em que o tema central gira em torno das relações entre o mundo administrado e o lugar que este atribui a arte. A Teoria Estética é uma obra em que Adorno busca fugir das estruturas adaptativas deste mundo e visa encontrar, para a arte, uma função específica, com sua autonomia e imanência. Para ele “a situação da arte é hoje aporética.” (ADORNO, 1993. p. 266). Ela se encontra num processo de paralisia, pois no mundo administrado, livrou-se das funções





culturais, religiosas, morais ou políticas que exercia, assumindo outro lugar específico no seio da realidade social que é o da “ilusão da totalidade” numa tendência do sempre igual e reproduzida em série, pronta, polida e acabada. A ideia da arte reacionária se liga a conclusão da obra do artista por meio da violência da manipulação do material e da própria denúncia que lhe é inerente. Não se leva em conta a força do seu compromisso de transformação social, muito menos a história.

A arte é, nas palavras de Adorno (1993, p. 117), “protesto constitutivo contra a pretensão à totalidade do discursivo [...]”. Um protesto radical contra todo o poder, inscrito não em seu conteúdo, mas em sua forma. É na forma que se encontra o verdadeiro elemento de protesto. Para ter forças contra uma sociedade gananciosa e de concorrência, a arte precisa ser inútil em sua forma, uma inutilidade radical para resistir ao poder da falsa integração. Por isso, Adorno apresenta uma nova perspectiva com a teoria da emancipação do homem pelas obras de arte, num aprofundamento marcado pela análise técnica, cujo objetivo é revelar o conteúdo de verdade que passa despercebida pela visão idealista das obras. É o retorno do belo, como instância crítica social, onde “o conteúdo de verdade das obras de arte funde-se com o seu conteúdo crítico” (ADORNO, 1993, p. 49). Um conteúdo que não se encontra fora da história, mas constitui a sua cristalização de autorreflexão crítica nas obras em busca de recuperar seu caráter libertador e de reconciliação entre homem e natureza.

Desse modo, o autor apresenta a Teoria Estética e educação como uma possibilidade de pensar a realidade para além do enquadramento dominador da razão; como caminho à emancipação humana dinamizada pela relação equilibrada entre os elementos sensitivos, perceptivos e racionais. A arte aliada ao processo de autorreflexão pode levar o homem a um conhecimento verdadeiro da sua realidade, reconciliando-se com a natureza. Reconciliação essa que significa o retorno da experiência entre o sujeito e o objeto, entre o homem e o real e esta é a sua perspectiva de libertação humana de qualquer tipo de aprisionamento. Quando não se há o controle do domínio da natureza, o homem fica suscetível às ideologias, ou seja, “presa fácil”.

Aquela indignação insere-se, pois, na ideologia da dominação. Semelhante fealdade desapareceria se, um dia, a relação dos homens com a natureza se expurgasse do caráter





repressivo, que perpetua a opressão do homem, e não o inverso. Num mundo devastado pela técnica, o potencial para isso reside numa técnica tornada pacífica, não em enclaves planificados (ADORNO, 1993 p.61).

Nesse sentido, a reconciliação assume o papel importante na Teoria Estética, pois se relaciona ao exercício de reconduzir o homem a esse momento de harmonia esquecido pela razão instrumental e Indústria Cultural. A arte dialogada com a educação tem como fundamento último fornecer subsídios ao homem, no sentido de ressignificar sua capacidade crítica em vistas a sua emancipação, evitando, assim, que a humanidade sofra com os efeitos nocivos de controles ideológicos que perpassam a economia e o entretenimento.

Pelo processo de educação há a necessidade da ousadia de uma reflexão que não se curva aos parâmetros lógicos e técnicos da racionalidade instrumental, logo, que seja desafiada a provar sua coerência e seus propósitos perante a sociedade do consumo e da Indústria Cultural; denunciando pela Teoria Estética, as dimensões regressivas do próprio progresso técnico e mercadológico.

Bueno (2009 p.101) corrobora ao afirmar que:

Ao julgar a realidade objetiva à luz de critérios transcendentais e negativos que apontam para uma humanidade justa, pacificada e reconciliada com a natureza, o pensamento crítico paga o preço de sua rebeldia sob a forma de dilemas e contradições que são creditadas a sua insuficiência e não à própria realidade objetiva.

Assim, o convite é pensarmos a educação como processo emancipatório em diálogo com a Teoria Estética, enquanto postura decidida de denúncia da realidade que recusa justamente o caráter doutrinário e adestrador da “arte” instrumental. É perceptível, desse modo, que os atos de barbárie prosseguem, entretanto, temos o desafio de resistir pelo pensamento educacional crítico e reflexivo a esses ditames do consumo. É preciso negar o mundo administrado pela razão esclarecida, negar a dominação dos homens e da natureza, negar o sistema e sua tendência de reduzir tudo a valor de troca. Essa negação é pelo próprio processo de denúncia e crítica em relação aos artefatos do consumo e da Indústria Cultural.

Nesse sentido a Teoria Estética e educação em Adorno é, ao mesmo tempo, o grito de esperança, um convite à emancipação e um exercício de liberdade; mexendo nas entranhas do pensamento filosófico, enraizando “o pensamento em uma consciência dos corpos em



sofrimento” gerados pela Indústria Cultural e razão instrumental (THOMSON, 2010, p.198); propiciando, pela reflexão, o apelo à transformação das tendências autoritariamente esclarecidas da razão instrumental e de suas práticas repressivas.

Destarte, a experiência estética pode tornar-se formativa quando possibilita repensar a monopolização da subjetividade; ao questionar o demasiado formalismo racional que instrumentalizou o pensar; ao dinamizar a razão e sensibilidade favorecendo a reelaboração do pensamento crítico e autorreflexivo. Nesse sentido, a educação para a sensibilidade estética é o caminho para se reeducar a racionalidade com vistas a emancipação do pensamento; no intuito de dinamizar os sentidos e ampliar as experiências de conhecimento e reflexão sobre o mundo. Assim, a Teoria Estética pela educação permite o despertar do pensar crítico para além do enquadramento da razão, captando o não idêntico, e reeducando a sensibilidade domesticada pela razão instrumental, bem como as percepções massificadas. Para tanto, o propósito educacional da Teoria Estética é liberar os sentidos e aguçar a consciência verdadeira sobre a realidade, ressignificando o imaginário, a criatividade, a espontaneidade que são meramente expressões de uma subjetividade livre e emancipada.

Acreditamos que uma expressiva contribuição da Teoria Estética em Adorno na área formativa consiste no fato de que, tematizar a emancipação sob as condições vigentes da razão instrumental e arte massificada, implica a necessidade de refletir à luz de novos horizontes formativos em favor da desbarbarização e autorreflexão sobre a consciência coisificada como ideal educativo que se esconde sob as demandas de sucesso e adaptação na educação contemporânea.





## Referência

ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. (trad. Artur Morão), Lisboa: Edições 70, 1993.

\_\_\_\_\_. **Educação e emancipação**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. A arte é alegre? In: RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno (Orgs.). **Teoria crítica, estética educação**. Campinas: Unimep, 2001. p. 11-18.

\_\_\_\_\_. **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de Textos de Jorge Mattos Brito de Almeida traduzido por Juba Elisabeth Levy... [et al.]. — São Paulo Paz e Terra, 2002.

BUENO, Sinésio Ferraz. Dialética e senso comum: reflexões sobre a cultura, política e ciência na sociedade contemporânea. In: BUENO, Sinésio Ferraz (org). **Teoria Crítica e Sociedade Contemporânea**. São Paulo: UNESP, 2009 (p.101 -118).

DUARTE, Rodrigo. **Adorno/Horkheimer e a Dialética do Esclarecimento**. R.J.: Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. Indústria Cultural. In: CONH, Gabriel (org). **Theodor W. Adorno**. 2º ed., São Paulo: Ed. Ática, 1994.

THOMSON, Alex. **Comprender Adorno**. Petrópolis: Vozes, 2010.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Sobre a Atualidade do Conceito de Indústria Cultural. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 54, agosto/2001 p.09 -18